

Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

ARTES VISUAIS SENSORIAIS COMO FERRAMENTA PARA ATUAÇÃO DO PROFESSOR JUNTO AS CRIANÇAS AUTISTAS NO CONTEXTO ESCOLAR

MARCOS EDUADO DOS SANTOS¹

ADRIANA SOARES DA SILVA ²

ISABEL CRISTINA DA SILVA ²

LUANA DE SOUZA DA SILVA²

VÂNIA RAQUEL DA SILVA²

RESUMO: O presente trabalho trata da Artes visuais sensoriais como ferramenta para atuação do professor junto as crianças autistas no contexto escolar. O estudo do tema teve por objetivo: “ajudar crianças com TEA a se desenvolver ludicamente e socialmente com as outras crianças no seu ambiente escolar. Usamos como método desenvolver novas habilidades por meio das artes visuais e sensoriais, para trabalhar dentro das escolas com crianças de Espectro Autista. E assim manter um nível de ensino igual para todas as crianças envolvidas. Constatou-se, assim, que o ensino das Artes na inclusão de crianças com TEA é de fundamental importância para a aquisição de competências e habilidades na formação individual das crianças. Concluímos a partir desse estudo que existem algumas lacunas nas instruções formadoras referentes à inclusão e a aprendizagem de alunos com TEA, que tem influenciado negativamente na prática adotada pelos professores frente a essa problemática. Portanto, precisa haver um investimento maior na formação desses profissionais, que se iniciem ainda nos bancos das Universidades.

Palavras-chave: TEA; Autismo; Artes Visuais.

¹ Docente do Centro Universitário Don Domênico - UNIDON

² Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

ABSTRACT: This Academic Work deals with Sensory Visual Arts as a tool for the teacher to work with autistic children in the school context. The purpose of the study of the theme was: “to help children with ASD to develop playfully and socially with other children in their school environment. We use as a method to develop new skills through the visual and sensory arts, to work within schools with children on the Autistic Spectrum. And so maintain an equal level of education for all children involved. It was found, therefore, that the teaching of the Arts in the inclusion of children with ASD is of fundamental importance for the acquisition of skills and abilities in the individual formation of children. We conclude from this study that there are some gaps in the training instructions regarding the inclusion and learning of students with ASD, which has negatively influenced the practice adopted by teachers in the face of this problem. Therefore, there needs to be a greater investment in the training of these professionals, who start in University banks.

Keywords: TEA; Autism; Visual arts.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da Artes visuais sensoriais como ferramenta para atuação do professor junto as crianças autistas no contexto escolar. O estudo do tema tem por objetivo ajudar crianças com TEA a se desenvolver ludicamente e socialmente com as outras crianças no seu ambiente escolar.

O referencial teórico foi fundamentado a partir da ótica da educação inclusiva no Brasil e seus desafios, que nos últimos tempos vivenciou grandes mudanças socioculturais, econômicas e políticas, que refletem diretamente na esfera educacional.

Dentro desse contexto, as propostas educacionais para a escola comum inclusiva obtiveram alguns avanços, contribuindo para a implementação de novas políticas públicas voltadas para alunos com necessidades especiais, embora os desafios a percorrer ainda sejam bem amplos.

A Educação Inclusiva compreende a Educação Especial dentro da escola regular e transforma o espaço escolar comum, incluindo qualquer tipo de deficiência, sendo o TEA, o



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON 14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

tema em questão. Ela favorece a diversidade na medida em que considera que todos os alunos podem ter necessidades especiais em algum momento de sua vida escolar.

Nos últimos anos, o sistema escolar brasileiro transformou-se com a perspectiva inclusiva, onde foi regulamentada a escola regular, que acolhe todos os alunos, já que até o início do século, a escola ainda era dividida em alunos que frequentavam a escola regular, ou, especial. Por isso, quando se fala em inclusão escolar, não podemos esquecer que vai muito além da implantação de quaisquer políticas pública.

Entretanto, para que a inclusão dos autistas seja realizada de maneira efetiva, garantindo a aprendizagem de todos os indivíduos é preciso consolidar a formação dos docentes e iniciar um entrelaçamento de apoio entre discentes, professores, gestores escolares, famílias e profissionais da saúde que acolham estas crianças com deficiência.

Tais dificuldades sociais são comuns a todos os indivíduos autistas. Por isso, muitos não possuem habilidade de enxergar o seu próprio estado emocional, e, muito menos de se relacionar com as outras pessoas, o que de fato necessitam trabalhar estas aptidões sociais ao longo de seu desenvolvimento.

A Educação é um direito de todos e deve ser pautada no sentido do pleno desenvolvimento e enriquecimento do conhecimento. Portanto, esse tema se justifica, pois, a escola de hoje rompeu com paradigmas no passado, para que possa propor uma educação de qualidade para todos.

Foi desenvolvida uma pesquisa de amostragem em uma escola de ensino fundamental, a fim de constatar o desenvolvimento de novas habilidades por meio das artes visuais e sensoriais, em crianças do Espectro Autista. Constatou-se, assim, que o ensino das Artes na inclusão de crianças com TEA é de fundamental importância para a aquisição de competências e habilidades na formação individual das crianças.

As artes visuais são um conjunto de manifestações artísticas como: cinema, pintura, fotografia, artesanato, desenho, artes urbanas, entre outros. Como o próprio nome mesmo diz, “artes visuais” está ligado diretamente a arte de “ver”. Por esse motivo, integra a capacidade de fluir e admirar a arte com a visão. Por sua dimensão e importância, ela exige uma formação acadêmica para exercer essa função. Já as artes sensoriais, por si só, já se pressupõem que



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON 14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

sejam: “as artes de tocar”. São artes como: cor, forma, dimensão, texturas, entre outras manifestações.

As artes visuais e sensoriais podem contribuir no processo de interação social, na comunicação e no comportamento de uma criança com TEA no ambiente educacional. As terapias com essas ferramentas ajudarão essas crianças para viver e conviver em sociedade.

Embora os alunos com autismo possam, sem dúvida, se beneficiar da instrução verbal, alguns também exigem um nível adicional de atenção ou informação conforme eles aprendem. Os professores podem trabalhar essa necessidade usando as artes visuais e sensoriais, conduzindo discussões e explicações sobre as mesmas. Por exemplo, quando os alunos estão estudando sobre um filme, o professor pode fornecer ao autista (e talvez à toda a classe) uma linha de tempo dos eventos na história do filme.

A mente de uma criança com TEA pode ser associada a um quebra-cabeças. Parece difícil de entendê-la no início. Porém, quando utilizamos a metodologia certa as tornamos fáceis e percebemos que as dificuldades podem ser superadas. – Jorge Tertuliano.

Nos capítulos a seguir será abordado o Transtorno de Espectro Autista desde a sua concepção histórica até sua evolução nos dias de hoje. Além disso, será estudado o papel da Arte como recurso pedagógico no auxílio da inclusão em crianças com TEA, a fim de desenvolver suas competências e habilidades.

A metodologia será operacionalizada na busca de artigos científicos e livros condizentes com o tema, além de uma pesquisa de campo cujo objetivo é fazer uma amostragem dessa importância artística em crianças com TEA.

2. O Papel da Arte como Recurso Pedagógico para Atender o Aluno com Tea na Escola

A arte auxilia crianças consideradas “normais” em diversas habilidades, como: imaginação, coordenação motora fina, criar afetividade com outras pessoas etc.

Para crianças com TEA não seria diferente. Porém, trabalhada com frequência ela pode auxiliar no desenvolvimento do relacionamento social em apresentações de pintura, em desenvolvimento de fala quando se trata de cantar, diversos modos de praticar arte podem ajudar na evolução de uma criança com TEA.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON 14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

A arteterapia, que é arte com psicologia é muito importante nesse caso. Ali, a criança poderá expressar o que sente, e a maneira que ela ver o mundo com um desenho ou uma música.

2.1 A importância da Arte no desenvolvimento infantil

A arte é uma linguagem universal, que possibilita no aprendizado e desenvolvimento infantil. Através da arte, é possível aprender, desenvolver e adquirir novas habilidades.

A arte vai além, de colorir e desenhar, se trabalhada da forma correta, trará as crianças excelentes benefícios, tais como autonomia, autoconhecimento, domínio sobre as emoções, concentração, foco, imaginação, senso crítico, ajuda na coordenação motora, além, de ajudar no desenvolvimento cognitivo da criança.

[...] durante as criações ou fazendo atividades de seu dia a dia, as crianças vão aprendendo a perceber os atributos constitutivos dos objetos ou fenômenos à sua volta. Aprendem a nomear esses objetos, sua utilidade seus aspectos formais (tais como linha, volume, cor, tamanho, textura, entre outros) ou qualidades, funções, entre outros... Para que isso ocorra é necessário a colaboração do outro – pais, professoras, entre outros sozinha ela nem sempre consegue atingir as diferenciações, muitas vezes sua atenção é dirigida às características não -essenciais e sim às mais destacadas dos objetos ou imagens, como por exemplo, as mais brilhantes, mais coloridas, mais estranhas... (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 49).

Já dizia BARBOSA, por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2009, p. 21).

A arte tem um papel muito importante na educação, é uma das responsáveis pela formação cultural e emotiva das crianças, ela trabalha o campo de experiência, traços, sons, cores e formas, previsto pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular). A arte pautada na BNCC se mostra aliada a uma função muito importante relacionada aos seus eixos de aprendizagem, estando intimamente ligada a outras áreas de conhecimento. Com isso, tanto a ciência quanto a arte respondem a essa necessidade mediante a construção de objetos de conhecimento que, juntamente com as relações sociais, políticas e econômicas, sistemas



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

filosóficos e éticos, formam o conjunto de manifestações simbólicas de uma determinada cultura.

Esses conceitos artísticos são estabelecidos em legislação educacional há mais de 40 anos, conforme cita Penna (2014), no entanto, esta presença da arte no currículo escolar tem sido marcada por indefinição, ambiguidade e multiplicidade. Entretanto, com a homologação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n 9394/94, estabelece em seu Artigo 26, parágrafo 2, em que:

O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Neste pressuposto, a BNCC também segue a mesma linha do que está proposto na LDB n 9394/96, sendo constituído por quatro modalidades artísticas, sendo elas: artes visuais, música, teatro e dança. Com isso, já notamos a presença da música nos eixos que irão nortear a educação básica.

O ensino de teatro, da música, da dança, das artes visuais e suas repercussões nas artes audiovisuais e midiáticas é tarefa a ser desenvolvida por professores especialistas, com domínio de saber nas linguagens mencionadas (PENNA, 2014, p. 132).

A arte pautada na BNCC se mostra aliada a uma função muito importante relacionada aos seus eixos de aprendizagem, estando intimamente ligada a outras áreas de conhecimento. Com isso, tanto a ciência quanto a arte respondem a essa necessidade mediante a construção de objetos de conhecimento que, juntamente com as relações sociais, políticas e econômicas, sistemas filosóficos e éticos, formam o conjunto de manifestações simbólicas de uma determinada cultura.

Esses conceitos artísticos são estabelecidos em legislação educacional há mais de 40 anos, conforme cita Penna (2014), no entanto, esta presença da arte no currículo escolar tem sido marcada por indefinição, ambiguidade e multiplicidade. Entretanto, com a homologação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n 9394/94, estabelece em seu Artigo 26, parágrafo 2, em que:



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON 14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Neste pressuposto, a BNCC também segue a mesma linha do que está proposto na LDB n 9394/96, sendo constituído por quatro modalidades artísticas, sendo elas: artes visuais, música, teatro e dança. Com isso, já notamos a presença da música nos eixos que irão nortear a educação básica.

O ensino de teatro, da música, da dança, das artes visuais e suas repercussões nas artes audiovisuais e midiáticas é tarefa a ser desenvolvida por professores especialistas, com domínio de saber nas linguagens mencionadas (PENNA, 2014, p. 132).

2.2. Conceito de Arte no processo de ensino e aprendizagem

A arte será uma facilitadora na aprendizagem, tanto na vida escolar quanto na vida pessoal.

É uma expressão mais pura que há para a demonstração do inconsciente de cada um. É a liberdade de expressão; é a sensibilidade, criatividade, é a vida.

A arte é uma palavra que se origina do vocábulo latino e significa técnica ou habilidade. Podemos dizer que é uma manifestação humana comunicativa muito amigável. Através dessa ferramenta, podemos trabalhar diversas atividades estimulando assim o desenvolvimento cognitivo infantil.

A arte será uma facilitadora na aprendizagem, tanto na vida escolar quanto na vida pessoal.

A importância da arte na vida das pessoas é algo nítido, ela faz parte de tudo que está ao nosso redor, e nos ajuda na comunicação, no convívio com a sociedade, e no crescimento humano.

Praticando a arte o ser humano consegue expressar suas emoções, sua história e seus desenvolvimentos de aprendizagem.

[...] é na cotidianidade que os conceitos sociais e culturais são construídos pela criança, por exemplo, os de gostar, desgostar, de beleza, feiura, entre outros. Esta elaboração se faz de maneira ativa, a criança interagindo vivamente com pessoas e sua ambiência (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 42).



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON

14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

De um modo geral, a arte possibilitará a construção de um novo mundo, onde poderá ajudar não só o cognitivo mais também o social da vida de uma criança.

2.3. A arte como recurso pedagógico no desenvolvimento da criança com TEA

A Arte no ambiente escolar tem diversos benefícios, tendo ela trazendo várias formas de ajudar no desenvolvimento da criança com TEA. Ela contribui de várias formas não somente no ambiente escolar, mais em uma qualidade de vida para essa criança.

Uma vez que essa matéria ajuda de várias formas, dentre elas a comunicação. Sabendo que esse aluno não possui boa sociabilidade com as pessoas ao seu redor, a Arte faz com que ele tenha um bom relacionamento com o professor, uma boa interação com colegas de sala e família, visto que o papel da família é fundamental para o processo de sociabilidade desse aluno. Essa pesquisa vem nos revelando como é importante a Arte na vida de uma criança com TEA, explorando sua alta capacidade de inteligência e seu elevado desempenho no que faz.

Ao decorrer da pesquisa entendemos que a Arte tem contribuído para melhor convívio do conjunto “escola, colegas e família”. Pois com o auxílio de cada profissional é possível reconhecer a dificuldade de cada aluno, seus variados níveis e quais atividades podem ser propostas em sala.

2.4. A Inclusão do Aluno com TEA em Sala de Aula

A inclusão é um tema polêmico, mais importante de ser falado, além de ser um direito garantido por lei, onde toda a criança tem acesso à Educação.

Apesar de um desafio para as escolas, é necessário que se faça desde cedo, já que a escola é o espaço de desenvolvimento intelectual e social das crianças, jovens e adultos. Muitas vezes haverá a necessidade de algumas adaptações nas metodologias de ensino, mas mesmo com todas as dificuldades apresentadas o professor não deverá mudar o conteúdo pedagógico.

É importante que mesmo que tenha dificuldades e que ainda necessite de recursos específicos, o conteúdo se mantenha o mesmo, pois cada criança aprenderá em seu tempo.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON 14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

A inclusão é para todos, todos saem ganhando em uma escola que tenha diversidade presente, os educadores não devem temer essas mudanças e sim procurar cada vez mais metodologias que atendam a todas essas mudanças e procurar também apoio quando necessário, já que lhes é garantido por lei.

A Educação e a Arte têm seu poder de alargar a imaginação e refinar os sentidos podem realizar mudanças significativas nos olhares, em direção a novas percepções sobre o mundo. (FERNANDES, 2010).

A arte tem um papel muito importante no desenvolvimento do aprendizado infantil, a criança com TEA terá na arte uma forma de se comunicar através das imagens, a arte irá proporcionar, uma comunicação entre criança e a escola, será uma forma de interação entre o aluno autista com o ambiente escolar.

“a arte para nós permite a tolerância à ambiguidade e à exploração de múltiplos sentidos e significações. [...] esta dubiedade da Arte a torna valiosa na Educação. Arte não tem certo e nem errado; tem o mais ou menos adequado, o mais ou menos significativo, o mais ou menos inventivo”. (2004, apud FERNANDES, 2010, p. 46)

Segundo o Ministério da Educação (BRASIL, 2002) “As Artes como linguagem é a área de conhecimento, possibilita o desenvolvimento global do ser humano e a relação inter e intrapessoal, na busca da identidade e do exercício da cidadania”.

É fato que muitas crianças só conseguem se expressar através das artes, principalmente aquelas que apresentam alguma necessidade especial. Além disso, a arte traz vivências sensoriais nas atividades artísticas que podem contribuir com a inclusão dessa criança com TEA.

Para que se tenha um resultado, as escolas devem ter o apoio dos familiares e suporte físico, tais como espaços escolares e de recursos que possuem para atender a todas as crianças.

As famílias são consideradas as primeiras instituições educativas das crianças, visto que no seio dela se inicia o processo de integração com o mundo exterior, bem como o seu devido crescimento e bem-estar.

Seu papel é extremamente fundamental no processo de sociabilização da criança, dentro dos contextos sociais, afetivos e psicológicos que ela vai estar imersa.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

A presença de um diagnóstico confirmado de autismo dentro do seio familiar, geralmente provoca uma desestruturação e um desequilíbrio na relação de pais e filhos.

O sentimento de culpa e auto atribuição das causas da patologia do filho, pode afetar o bem-estar destas famílias, gerando sentimentos de decepção, isolamento social, stress, frustração, desespero, dentre outros fatores de desequilíbrio emocional que podem afetar o desenvolvimento da criança.

Em virtude disso, a família precisa estar inserida no processo de intervenção da criança, sendo aliada em seu processo terapêutico, inclusive no que diz respeito aos conhecimentos e aptidões específicas relacionadas ao assunto. “Por vezes, pode ser necessário auxiliar os pais a superar determinados obstáculos, devendo o psicólogo e/ou outros terapeutas estarem atentos a disponibilizarem-se para lhes prestarem apoio a todos os níveis (psicológico, relacional, emocional, etc)” (SANTOS E SOUSA, 2009, p. 26).

De acordo com Sprovieri e Assumpção Jr (apud Silva, 2001), a síndrome traz consequências para o indivíduo, interferindo na sua posição e no seu estilo de vida, em seus relacionamentos internos e nos vínculos com o mundo externo. Por isso, torna-se evidente que há uma adaptação familiar, ao saberem lidar com essa síndrome.

A partir do momento em que um elemento do grupo familiar apresenta uma doença, as relações familiares são naturalmente afetadas, a síndrome autística compromete o grupo familiar quando este passa a conviver com o problema. Neste sentido, a doença no âmbito familiar, leva-a a experimentar algumas limitações permanentes, que são percebidas na capacidade adaptativa da família, ao longo de seu desenvolvimento. No contexto familiar, surgem rupturas, devido ao autismo, as atitudes sociais normais são interrompidas, transformando assim, o clima emocional da família. Dessa forma, a família, no período de adaptação, une-se a disfunção da criança (Sprovieri e Assumpção Jr (apud Silva, 2001, p. 19).

Assim, Silva (2009) nos diz que o transtorno autista afeta os membros da família em grau variado, e, a resposta dos familiares também tem um efeito na criança. Ao vivenciar as dificuldades frente ao autismo, a família possui um estado de equilíbrio pelas situações de tensão, onde passa a refletir nas suas relações familiares, dificultando assim, a saúde emocional de seus membros.

Ainda diversos autores, emoções como o medo e o constrangimento em pais de crianças autistas são comuns, pois são limitadas as informações, experiências e a



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

compreensão sobre o transtorno pode causar, dentro do contexto familiar. Sendo assim, para colaborar com o processo de adaptação das famílias com as crianças autistas, pode-se realizar um trabalho com o objetivo de explorar o sentimento dessas famílias em relação à criança (SILVA, 2009).

Embora se faça esse trabalho, há grandes preocupações e estresse em familiares de crianças autistas, onde seus membros sofrem aspectos relacionados à qualidade de vida física, psíquica e social de seus membros.

De acordo com Ribeiro (2013), ao receber um diagnóstico que possa implicar tamanha gravidade, a família tende a se desesperar e, com grande facilidade, a se desestruturar. Sendo assim, faz-se necessário apoio familiar para que possam absorver o impacto do diagnóstico, superar a dor e manter a estrutura para lidar com a situação de cuidar de uma pessoa que demande maiores atenções.

Os atendimentos de apoio familiar devem ser feitos de forma a atender às demandas individuais das famílias e também ajudá-los a formar uma rede de apoio entre usuários do serviço. Tendo em vista a gravidade do transtorno e os prejuízos que ele acarreta, em todos os âmbitos, o maior desafio é propiciar que os ganhos terapêuticos obtidos sejam expandidos para os outros ambientes não estruturados. Nesse caso, a família e os cuidadores passam a ter papel fundamental como coparticipantes do tratamento, atuando nos ambientes naturais do indivíduo e mantendo as estratégias adotadas nas terapias. A equipe que atua com o paciente nas instituições tem o papel de incluir a família e/ou cuidador para instrumentalizá-los nessas técnicas. Nos serviços em que existem agentes comunitários, estes podem ser instruídos para realizar alguns acompanhamentos das famílias em domicílio, auxiliando na atuação delas como instrumento terapêutico e fazendo os ajustes necessários quando possível ou levando as situações de dificuldade para a equipe terapêutica (Ribeiro, 2013, p. 28).

Quando se tem o diagnóstico da criança com autismo, “não só a criança necessita de atenção, mas também a família está doente, e é preciso ouvi-la e orientá-la. O atendimento focado na relação mãe-filho, pai-mãe-filho, familiares, escola e comunidade é a única forma de se atuar de maneira completa” (ROTTA apud SOUSA, 1983, p.53).

Sousa (2013) nos atenta para o fato de que é necessário que a família assimile que, para que uma criança desenvolva todo o seu potencial é mandatório que haja estímulos motores, sensoriais, auditivos e visuais, porém, esta relação de crescimento depende também



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

diretamente de adultos prestativos e dedicados, isto é, o desenvolvimento motor nas crianças está em estreita ligação à uma unidade familiar sólida e a uma rede social segura.

Para Ardore e Regen (2003), a notícia e o nascimento de um bebê é um acontecimento entre pais e familiares sempre esperado, portanto, é comum que ainda durante a gestação, que os futuros pais alimentem diversas e salutarens fantasias, sonhando com uma criança idealizada, vislumbrando qual será o sexo, a probabilidade de generalidade, a cor dos olhos e tantos outros atributos que farão que os pais invistam no filho esperado todos seus projetos e ainda, de forma consciente ou inconsciente, os sonhos que não se realizaram na sua própria infância. Entretanto, é notório o despreparo tanto técnico como emocional, quando vem à tona o momento em que é dado um diagnóstico clínico, como por exemplo, o autismo.

Segundo Pina Neto (apud SOUSA, 2004), as famílias devem receber apoio estrutural e devem ser auxiliadas por uma equipe transdisciplinar para amparar suas necessidades. Igualmente, a forma e a linguagem recebida podem levar a uma interpretação distorcida do diagnóstico. Todavia, conceber que seu filho tem deficiência é um processo que vai além do mero conhecimento do fato clínico em si.

Um casal que planejou um filho saudável, inteligente e capaz, esperou por esse filho, e colocou nele todas suas fantasias, todas as suas idealizações, está muito frustrado no momento em que o filho não corresponde aos seus anseios, ou seja, no momento em que o filho que lhe é apresentado não é o filho idealizado. A criança com autismo exige da família profunda modificação de seus hábitos, além de se constituir, em muitos casos, em fator desagregador, quando a relação do casal já não é muito estável. O suporte psicológico para a família, nesses casos, é muito importante. (ROTTA, apud SOUSA, 2002).

Já no âmbito da diversidade de habilidades comunicativas das crianças e jovens com deficiência é possível verificar que uma grande parcela da população pode ser incapaz de comunicar-se com outras pessoas. Fato este que ocorre em função do meio da fala, como ocorrem no caso de crianças, jovens com comprometimentos motores, pessoas com deficiência intelectual, crianças com autismo, crianças com atrasos no desenvolvimento da linguagem e pessoas com transtornos do sistema nervoso central congênito ou transtorno adquirido, entre outros fatores mais (LIGHT, 1997; NUNES, 2003).



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

Muito embora a área das Tecnologias de Comunicação Alternativa tenha propiciado a presença de ações que viabilizem a ampliação e inserção de novas possibilidades comunicativas para as crianças e jovens com deficiência, o uso dos sistemas suplementares alternativos de comunicação ainda se encontra restrito a determinados centros de reabilitação e clínicas de atendimentos especializados (DELIBERATO, 2009, 2010).

Por conseguinte, as famílias devem ser norteadas e inseridas nos programas de intervenção em relação às especificidades de seus filhos para que as novas habilidades sejam compartilhadas de forma funcional no processo de inclusão em um grupo maior de pessoas de seu convívio social (DELIBERATO, MANZINI, GUARDA, 2004).

Do mesmo modo Amaral (apud SOUSA, 2004), acreditam que os impactos do autismo na família despertam sentimentos que oscilam entre polaridades muito fortes: amor e ódio, alegria e sofrimento, além de reações como aceitação e rejeição, euforia e depressão. Portanto, para Sousa (2009), a paralisia cerebral agora se integra à experiência familiar e se torna objeto da ação familiar como uma realidade construída significativamente.

Os pais por sua vez sabem (ou deveriam saber) que esta condição nunca mais vai abandonar seus filhos, porém, definir a aflição que estes passam, [...] dotá-la de sentido, envolve atos de interpretação, que não são redutíveis nem à mera projeção de significados subjetivos, nem a reprodução de significados já previamente dados na cultura Cabe a família da criança com autismo, tentar conferir uma ordem á ameaça de desordem, é um processo que se desenrola em um mundo compartilhado com outros, composto de pluralidades de vozes, sejam os pais, filhos, amigos, profissionais da saúde, que dialogam, negociam e debatem entre si e consigo mesmos os meios de como enfrentar o autismo (SOUZA, 2009, p. 89).

De acordo com Ribeiro (2013), ao receber um diagnóstico que possa implicar tamanha gravidade, a família tende a se desesperar e, com grande facilidade, a se desestruturar. Sendo assim, faz-se necessário apoio familiar para que possam absorver o impacto do diagnóstico, superar a dor e manter a estrutura para lidar com a situação de cuidar de uma pessoa que demande maiores atenções.

Os atendimentos de apoio familiar devem ser feitos de forma a atender às demandas individuais das famílias e também ajudá-los a formar uma rede de apoio entre usuários do serviço. Tendo em vista a gravidade do transtorno e os prejuízos que ele acarreta, em todos os âmbitos, o maior desafio é propiciar que os ganhos terapêuticos obtidos sejam expandidos para os outros ambientes não estruturados. Nesse caso, a família e os cuidadores



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

passam a ter papel fundamental como coparticipantes do tratamento, atuando nos ambientes naturais do indivíduo e mantendo as estratégias adotadas nas terapias. A equipe que atua com o paciente nas instituições tem o papel de incluir a família e/ou cuidador para instrumentalizá-los nessas técnicas. Nos serviços em que existem agentes comunitários, estes podem ser instruídos para realizar alguns acompanhamentos das famílias em domicílio, auxiliando na atuação delas como instrumento terapêutico e fazendo os ajustes necessários quando possível ou levando as situações de dificuldade para a equipe terapêutica (Ribeiro, 2013, p. 28).

Nesse sentido, a família, deve garantir aos seus familiares com autismo, a existência ativa na comunidade, enquanto sujeitos, face à pressão, dominação e discriminação social, não são suficientes apenas as técnicas de reabilitação. É preciso conhecer “quais as variáveis que realmente influem sobre o efeito da melhora ou piora do paciente” (PITTA, 1996, p. 35 17), e, do mesmo modo, garantir legislação coerente que lhes assegurem o direito de integralidade, equidade social e saúde para todos. Ainda hoje, de acordo com Wagner (apud SOUSA, 1999), a coexistência de diferentes arranjos familiares num mesmo contexto tem modificado, paulatinamente, o conceito de família tem passado por um processo de assimilação e construção de novos valores.

Sabe se ainda que, a relação mãe-bebê já vai se constituindo durante a gravidez e até mesmo antes dela, na relação da gestante com sua própria mãe e nas fantasias e brincadeiras de ser mãe que aparecem desde a sua infância. Fantasticamente, é peculiar de uma mãe na gravidez, cultivar “uma imagem ideal para seu bebê - o bebê imaginário” Do mesmo modo, não menos formidável, de acordo com os estudos de Gomes e Resende (2004, p. 03), em relação à importância da figura paterna no cenário familiar, acredita-se que é saudável e deveras salutar para a dinâmica familiar, “a figura concreta de um pai, presente em sua corporeidade e afetividade, que se depara com a demanda subjetiva, advinda da exigência de revisão de seu papel no mundo contemporâneo (GOMES E RESENDE apud SOUSA, 2004, p. 33).

3. METODOLOGIA

3.1. Amostra da Pesquisa

Sendo assim, foram avaliados dezesseis indivíduos de ambos os gêneros, todos com diagnóstico de TEA, para analisar se ocorreu ou não mudança comportamental, após iniciarem a prática da capoeira em seu cotidiano.

3.2 Pesquisa



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON 14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

Os espaços escolares são um conjunto de materialidades que compõem os variados ambientes frequentados por educadores e estudantes e o “espaço sentido”, o espaço de consciência onde se realizam as atividades de ensino e aprendizagem.

O espaço escolar é o local que ajuda as crianças a aprenderem a se comunicar, a interagir uma com as outras, resolver os problemas e de fazer amigos, ou seja lugar de se socializar.)

A sala de recurso é o espaço que possui mobiliário, materiais didáticos e pedagógicos específicos que são destinados para o desenvolvimento do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Este atendimento abrange não só as crianças autistas, mas todas aquelas que necessitam de alguma atenção especial. A sala de recurso é um apoio a sala de aula comum.

Ilustração I Sala de Recursos



Foto: Prefeitura do Guarujá / Fonte: G1 Santos, 14/05/2015 – 20H22

“ Em Guarujá, os equipamentos foram instalados a partir de 2009. Atualmente, 38 escolas da rede municipal utilizam as estruturas, cerca de 500 crianças são beneficiadas. Todas as atividades são feitas em grupo, interagindo as crianças excepcionais com toda a classe. “

O Painel é uma forma de apresentação dos resultados dos trabalhos realizados em torno de um tema. Diversas pessoas ou equipes contrapõem sus conclusões a partir de



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON 14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

diferentes pontos de vista ou complementam conclusões uma das outras a partir da mesma perspectiva.

Para que possamos trabalhar o Painel com as crianças autistas é necessário que seja de forma simples para que eles possam compreender, podemos utilizar as artes para fazer estes painéis, como mostra a foto abaixo.

Ilustração II - Rotina de sala de aula



Imagem Pinterest - FONTE: Professora Eliane Shared

Esta é uma atitude simples e transformadora para organizar o aprendizado do autista na sala de aula, este tipo de painel pode ser também utilizado para rotina diária em outros lugares, que não seja a sala de aula.

O pátio escolar é o palco das interações entre alunos, professores, gestores e os demais funcionários da instituição. Esse espaço é um ambiente de aprendizagem, entendendo-se assim como extensão da sala de aula, que proporciona as crianças, as primeiras construções de interação social.

Porém, é importante salientar que as crianças com TEA precisam ter a orientação de um adulto para direcioná-la, e também corrigi-la se necessário. É importante que elas saibam o horário de início e fim desse intervalo e das brincadeiras que podem participar, pode acontecer de ter o isolamento desta criança, não por vontade própria mais por dificuldades de interação social.

O aluno autista ele pode não ter a empatia, mas ele pode aprender a desenvolvê-la.

Ilustração III – Pátio escolar



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641



Centro Educacional Alceu Viana, 25 de abril 2018.

É uma apresentação organizada e exibição de uma seleção de itens. Na prática, as exposições geralmente ocorrem em um ambiente cultural ou educacional, tal como museu, galeria de artes, parques, bibliotecas, sala de exposições ou espaços para exposições mundiais.

Ilustração IV – Exposição de Artes



Exposição de Jaguará / FONTE: 4 de abril de 2019, Comando da Notícia.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

3.3 Importância dos estímulos sensoriais: Visuais e Táteis para as crianças com TEA

As crianças com TEA têm necessidades e comportamentos únicos e as atividades sensoriais vêm beneficiá-las e ajuda-las na compreensão das práticas pedagógicas .

Segundo Ainda Fernandes (2010, p. 78), ao observar alunos com TEA percebeu: Que a prática pedagógica de atividades no Ensino de Arte, que essas atividades estejam alicerçadas no aspecto sensorial e perceptivo e devem ser realizadas por meio da exploração de diversos materiais. Dessa maneira, haverá conciliação de temas direcionados para o entendimento e a simbologia das expressões afetivas, da imagem pessoal e do mundo ao redor para a interação dos alunos com TEA.

Com isso, iremos abordar nesse capítulo os estímulos sensoriais, o visual e o tátil. Nesse capítulo, falaremos brevemente sobre cada um e sobre sua importância no desenvolvimento das crianças com autismo. São eles:

3.3.1 Visuais

Os suportes visuais por vezes, são maneiras em que as crianças com TEA encontram para se comunicar, muitas costumam ter esse tipo de habilidade bem aguçada, já que as utilizam para comunicação na sociedade.

As artes visuais são ferramentas que auxiliam as crianças autistas, ajudando-as no desenvolvimento das mesmas. Este tipo de recurso também auxilia as crianças a treinarem suas emoções e sua autonomia. Entretanto, vale lembrar que cada pessoa é única e não seria diferente com as crianças autistas, cada uma apresenta sua forma de pensar.

3.3.2 Táteis

Os estímulos táteis, são responsáveis pela percepção através do toque, distinguindo tamanho, forma, textura, além de outras sensações.

O sistema tátil em crianças autistas é importante, pois estimulam nelas, o sistema nervoso e melhoram o processamento sensorial, com isso, facilita e ajuda na convivência com a sociedade, a comunicação, a coordenação motora, além de acalmar as crianças quando elas estão agitadas.

Ainda é um desafio a inclusão, porém as vitórias estão vindo a cada dia. Dentre estas conquistas, podemos citar a Lei 8.742/93 que oferece o Benefício BPC Benefício da Prestação



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON 14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

Continuada, porém para se ter direito a família deve ter renda per capita de $\frac{1}{4}$ do salário mínimo, temos também a lei 13.370 que reduz a jornada de trabalho para pais servidores públicos, que possibilita os responsáveis a acompanhar seus filhos em outras atividades fora da sala de aula.

Outra conquista é a professora especializada em sala de aula, possibilitando a criança com TEA um melhor acompanhamento na sua aprendizagem. As escolas também cada vez mais inclusivas.

A rede conta também com serviços especializados para o acompanhamento físico e psicológico desta criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As propostas educacionais para a escola comum inclusiva obtiveram alguns avanços, contribuindo para a implementação de novas políticas públicas voltadas para alunos com necessidades especiais, embora os desafios a percorrer ainda sejam bem amplos.

Nos últimos anos, o sistema escolar brasileiro transformou-se com a perspectiva inclusiva, onde foi regulamentada a escola regular, que acolhe todos os alunos, já que até o início do século, a escola ainda era dividida em alunos que frequentavam a escola regular, ou, especial. Por isso, quando se fala em inclusão escolar, não podemos esquecer que vai muito além da implantação de quaisquer políticas pública.

Entretanto, para que a inclusão dos autistas seja realizada de maneira efetiva, garantindo a aprendizagem de todos os indivíduos é preciso consolidar a formação dos docentes e iniciar um entrelaçamento de apoio entre discentes, professores, gestores escolares, famílias e profissionais da saúde que acolham estas crianças com deficiência.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA DE LIMA, C. **Perturbações do Espectro do Autismo**. Manual Prático de Intervenção (2012) 1-11. Lisboa: Lidel.

BORTONI-RICARDO, S.M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

CASTILHA FA. **Aspectos Pedagógicos da Capoeira**. Méritos, Rio Grande do Sul, 2012.

CERVO, AL. et al. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Prentice, 2007.

CORTELLA, M.S. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. São Paulo: Cortez, 2011.

CUNHA, A.F.V.: **Como é que eu aprendo melhor?** Uma mudança no processo de ensino-aprendizagem. 2016.

FANTIN, M.; RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores**. Campinas: Papirus, 2012.

FERREIRA, C.A.M. et al. **Psicomotricidade Clínica**. São Paulo: Lovise. 2002

FERREIRA, C. A. M. & Thompson, R. (Orgs.). **Imagem e Esquema Corporal**. São Paulo: Lovise. 2002

FILHO, L.M.M.; et al. **A importância da família no cuidado da criança autista**. Vale do Paraíba, v.3, n.1, p. 66-83.

LAGO, Mara. **Autismo na Escola: Ação e Reflexão do Professor**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2007.

LARROYO, F. **História Geral da Pedagogia**. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

LEME A. **Um estudo dos benefícios físicos e psicológicos da capoeira**. INESUL, 2017.

LORD C, et al . **Autism Spectrum Disorder**. (2018) 508-520.

LOUREIRO, A.M.A. **O ensino da música na Escola Fundamental**. Campinas.SP; Papirus.2003.

LUSSAC, R. M. P. **Especulações acerca das possíveis origens indígenas da capoeira e sobre as contribuições desta matriz cultural no desenvolvimento do jogo-luta**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte 29.2 (2015) 267-278.

MAROLA, M. **A música e o ensino fundamental**. São Paulo: Artmed, 2009.

MÖDINGER, C.R. et al. **Práticas Pedagógicas em Artes; espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012.

ORTOLONI, C.A. **A Arte e a Educação Infantil**. Capivari: Artmed, 2010.



Revista Eletrônica de Divulgação Científica do Centro Universitário Don Domênico – UNIDON
14ª Edição – janeiro de 2024 - ISSN 2177-4641

PENNA, M. **Música (s) e seu ensino**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PIMENTEL M. **Todo brasileiro gosta de capoeira, mas tem um pé atrás com o passado dela**. Educação em Revista; 2017; 18: 142-148.

PONTES, G. **A Presença da Arte na Educação Infantil: olhares e intenções**. Natal: Artmed, 2001.

PRAÇA, É.T.P.O. Uma reflexão acerca da Inclusão de Aluno **Autista no Ensino Regular**. Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2011.

PRODANOV E FREITAS. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. - 2ª Edição, 2013.

SKALSKI, T.R. **A importância da música**. São Paulo: Artmed, 2010.

VALÉRIO, D.M.. **Refletindo sobre o ensino da Arte na Educação Infantil**. Universidade Tuiuti do Paraná: Curitiba, 2009.

